

UNIPER  
sel.

57

A REVOLUÇÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO NA GRÃ-BRETANHA

Dr. J. A. Lauwerys

Trad. Paulo Mendes Campos

## A REVOLUÇÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO NA GRÃ-BRETANHA

O título desta palestra quase me apavora - uma Revolução do Ensino Secundário na Inglaterra e em Gales! Devo, naturalmente, deixar a Escócia de lado. Ela é diferente do resto de nosso país e requer uma palestra especial. Mas não é bem ês se o ponto que me assusta - e sim a palavra "revolução". Nós, na Inglaterra, não acreditamos em revoluções. Não gostamos de destruir o que existe de fato, preferimos ir adaptando lentamente nossas instituições às necessidades de uma nova era. Gostamos de mudar devagar e gradativamente, seja o que fôr, para uma condição que se aproxime mais do que deveria ser. Todavia, o ensino secundário como o conhecemos em nosso país, é na realidade tão diferente do que era há uma geração passada, que, talvez, o título desta palestra não venha a ser de todo exagerado.

Para que se compreenda o que vem acontecendo, tenho duas coisas a fazer: descrever o sistema como agora é, e também descrevê-lo como costumava ser. Ver-se-á, então, que as diferenças não são simplesmente de sistemas escolares, na maneira pela qual se passa de uma escola para outra, nem mesmo no conteúdo ou nos métodos que empregamos em nosso ensino, mas essas diferenças implicam em uma total mudança de nosso sistema social, e se situam na relação de uma classe para outra. Suponho, pela lógica, que deveria começar por descrever o sistema como êle era. Mas, vou-me colocar, por assim dizer, de cabeça para baixo, e começar por descrevê-lo como êle é atualmente.

Falei em nosso sistema atual? Se falei, deveria ter usado a palavra no plural, porque efetivamente temos três sistemas, coexistindo lado a lado. Em primeiro lugar - e isso é muito importante - um sistema exclusivamente privado, sem receber amparo de espécie alguma das autoridades públicas, nem dinheiro, nem qualquer outra ajuda. No entanto, êste é o que maior prestígio tem e para o qual, tendo os pais possibilidades financeiras, preferem mandar seus filhos. É um sistema que herdamos de nossos antepassados e que tende, em seu todo, a ser preferido pela alta classe e pela alta burguesia. Consiste de uns tantos colégios particulares de ensino elementar que cobram anuidades, geralmente externatos situados nos subúrbios de nossas grandes cidades. Tôda pessoa com dinheiro, tôda pessoa que

venha das classes-médias profissionais, tentará, se possível, mandar o filho ou a filha, a partir de uns cinco anos de idade, para êsses colégios. Em geral, êsses colégios têm concepções e pontos-de-vista bastante antiquados, ensinando às crianças elementos de leitura, escrita e aritmética, um pouquinho de geografia e um pouquinho de história da Inglaterra e, além disso, um certo conhecimento elementar de latim. Muito importante: ensinam as crianças a falar inglês com o sotaque correto. Ao deixar êsses colégios dirigidos - como eu disse - por particulares, frequentemente com diplomas de Oxford ou Cambridge, essas antigas universidades, que são nosso orgulho, os meninos com 13 anos de idade prestam um exame denominado Exame de Admissão Comum, consistindo de provas escritas e orais sobre Gramática Latina, composição de Inglês, Aritmética e conhecimentos gerais de História e Geografia. Dali, êles passam para uma das "Escolas Públicas". O termo é enganador porque embora sejam chamadas Escolas Públicas, elas nada têm a ver com autoridades públicas. Algumas delas são antiquíssimas e datam da Idade-Média, com histórias que datam de, talvez, 500 ou 600 anos. Mas essas escolas, ainda que gozem de imenso prestígio, são poucas. Na maioria, as Escolas Públicas - note-se de novo a incongruência do termo - são instituições particulares, sem finalidade de lucro, e geridas por uma junta de administradores, que são homens de espírito cívico que desejam proporcionar boas escolas para membros de sua classe social. Em geral, elas estão instaladas em belos edifícios no campo e são internatos. A vida dos alunos tende, sobretudo, a centralizar-se na capela da escola. O ensino tende a ser formal, a concentrar-se principalmente em Línguas, Literatura Inglesa, Matemática e, até certo ponto, Ciências. Muita atenção é dada também a jogos esportivos, embora se deva notar, com a finalidade não tanto de desenvolvimento físico dos alunos, mas de desenvolvimento de seu caráter moral, com a idéia de que, participando do jogo, êles devem aprender as regras, devem dispor-se em qualquer ocasião a se sacrificarem mais pelo bem de toda a equipe do que tentar atingir glória pessoal. Dessas escolas, uma percentagem considerável de jovens, tendo alcançado a idade de 18 ou 19 anos, passa para Oxford ou Cambridge, para uma das outras universidades de Londres ou de cidades provinciais como Manchester ou Birmingham. Seguem, então, profissões como Medicina, Advocacia, Sacerdócio, ou entram para o serviço público ou comércio. De fato êste é, e continua a ser, um sistema de educação inteiramente sob controle privado, sem receber verbas ou dinheiro do Governo,

e servindo às necessidades da classe alta e da alta burguesia. Em conjunto, este sistema abrange 5 a 10% do total das crianças de nosso país. Ainda que a proporção numérica seja pequena, sua importância social é vasta, e voltarei depois a falar nela. Nessas escolas é que foram, no passado, recrutados e modelados nossos líderes e nossas elites.

Em seguida, temos outro sistema privado, este mantido pela Igreja Católica. A Inglaterra não é um país totalmente protestante. Creio que temos de 3 a 5% de católicos, e como a Igreja Católica está sempre muito ansiosa e disposta a fazer os sacrifícios necessários para manter um sistema educacional inspirado em seus ideais, de fato encontramos na Inglaterra um certo número de escolas secundárias e colégios católicos. Creio que, ao todo, entre 2 e 4% das crianças do país os frequentam. De um modo geral, essas escolas têm o tipo de educação que vos é familiar, isto é, uma educação inspirada na filosofia tomista e nos princípios da Igreja Católica. Portanto, excusa falar muito a respeito delas. Poderia lembrar que uma ou duas Escolas Públicas mantidas pelos católicos têm reputação nacional e são altamente consideradas por todos.

Vou falar agora sobre o resto do sistema escolar, isto é, o que abrange talvez 9/10 do total da população infantil do país. Aqui temos um sistema que é inteiramente gratuito para todos desde os 5 aos 15 anos, educação grátis, às expensas públicas, e grátis ainda para 5 a 10% dos jovens entre 15 e 18 anos. Esse sistema é, com efeito, patrocinado por toda a população trabalhadora e pela maioria das classes médias do país. Aos 5 anos de idade, a criança vai para uma escola infantil ou primária, onde fica até os 11 anos. Nessa idade presta um exame que consiste de testes escritos de inteligência geral e das informações dos professores que lhes ensinaram durante os seis anos passados na escola, uma prova de composição inglesa e uma de aritmética. Se a criança se sai bem, é mandada para um ginásio de ensino secundário, onde poderá permanecer até os 18 anos, embora - devido à grande prosperidade do país e ao atrativo de inúmeros empregos - possa sair aos 15 anos (cerca de 25% sai aos 16 anos, e talvez apenas 1/4 permaneça nos ginásios até os 18 anos - o que é uma pena). Depois disso, uma pequena percentagem vai para as universidades, geralmente ajudada por doações financeiras do Governo, sob o título de Bolsas ou Prêmios Especiais. Se a criança não se saiu

bastante bem para ser admitida aos 11 anos em um desses ginásios, em certas zonas, não em todas, pode entrar para o que se denomina uma "Escola Técnica Secundária". Juntos, os ginásios e as escolas técnicas abrangem talvez 25% da população. Os 75% restantes passam para o que chamamos "Moderna Escola Secundária". Ali ficam até os 16 anos, depois do que saem e se empregam em serviços remunerados. Muitos continuam ainda a instruir-se em instituições noturnas, estudando depois das horas de trabalho. Este é, pois, em linhas gerais, o nosso sistema educacional de hoje.

Espero que vos tenha interessado - e imagino que também vos tenha causado um pouco de espanto, por ser o sistema tão vário, aparentemente tão desordenado, tão empírico. Mas, naturalmente, há uma explicação e devemos procurá-la porque, no processo, iremos adquirir uma visão mais clara de uma das funções mais importantes que um sistema educacional é chamado a desempenhar nas sociedades modernas.

O fato é que a estrutura educacional de qualquer país é sempre relacionada à sua estrutura social e, em certo sentido, a primeira é um reflexo da segunda. Que me expliquem em pormenor o sistema educacional de um país, e eu poderei falar de suas classes sociais, da facilidade com que é possível passar-se de uma classe para outra, e assim por diante. Peço permissão para repetir: o ensino sempre se ajusta à hierarquia social e especialmente à estratificação de classes. Por exemplo, a sociedade inglesa no século passado podia ser adequadamente descrita em termos de uma divisão em classes alta, média e trabalhadora. Havia, com efeito, grandes lapsos entre elas, e não era nada fácil passar de uma para outra. Existiam três sistemas educacionais paralelos, ligados por pontes bastante frágeis chamadas "bolsas". O primeiro sistema consistia de colégios preparatórios particulares, das "Escolas Públicas", geralmente instaladas em edifícios imponentes situados em arredores aprazíveis, e das Universidades de Oxford e Cambridge. Todo esse sistema educacional da classe alta era independente do Estado, tanto no que se refere a controle quanto financeiramente. Os alunos vinham da classe alta, da alta burguesia e das profissões liberais, e nas suas fileiras é que eram recrutados os profissionais liberais, os administradores e todos os que iriam assumir chefias.

Na outra extremidade, havia um sistema de escolas "elementares" de onde as crianças das classes trabalhadoras saíam com 13 anos ou freqüentemente menos, a fim de dedicar-se a qualquer trabalho manual. Nenhum outro futuro era encarado, exceto por uns poucos que seguiam o magistério. Êsses eram treinados como aprendizes, recebiam mais instrução em outra escola e, aos 19 ou 20 anos, retornavam às escolas elementares, já como professores. Êsse sistema ficava sob o contróle parcial da Igreja e das autoridades públicas. Quanto a despesas, era cada vez mais financiado por impostos locais e nacionais. Seus professores gozavam de pouco prestígio e eram mal pagos, embora, em geral, melhor do que os pais dos seus alunos.

Ligando o abismo entre êsses dois sistemas quase estanques, havia um grande número de escolas sob contróle privado, tão amorfas e diversificadas quanto as classes médias a que serviam. Os filhos de pequenos fabricantes, de comerciantes abastados, de artesãos prósperos e outros, freqüentavam, como externos, ginásios em que aprendiam noções de Literatura e Matemática, bem como uma boa dose de Ciências Elementar, Geografia e Inglês. Havia também um número crescente de outras instituições, cuja posição se situava entre as escolas elementares e os ginásios, e nas quais se dispensava cada vez mais atenção a matérias que poderiam vir a ter valor industrial ou comercial.

Dessa sucessão de escolas secundárias, os jovens emergiam em posições de responsabilidade em escritórios ou fábricas, ou em postos de menos destaque no Serviço Público. Com o passar do tempo, entravam em número cada vez maior para escolas técnicas e universitárias que estavam sendo estabelecidas em lugares como Nottingham, Manchester, Leeds ou Birmingham - escolas que eventualmente se transformaram em Universidades e em um justo motivo de orgulho para as autoridades que as criaram. Assim, o sistema educacional inglês não só refletia a estrutura de classes como ajudava a perpetuar a estratificação social.

Tomemos por exemplo Tom Smith, um menino inteligente e de ótima saúde, nascido por volta de 1880. Se seu pai era, digamos, um advogado abastado, êle teria oportunidade de entrar para uma Escola Pública, onde iria adquirir os hábitos e maneiras de sua classe, o vocabulário, o sotaque e o tom de comando do qual resulta pronta obediência e respeito de pessoas menos afortu

nadas. Iria também aprender como passar no exame de admissão de Oxford ou de Cambridge e, nestas Universidades, financeiramente apoiado pelo pai, acrescentaria às suas realizações sociais o conhecimento profissional necessário para tornar-se um médico, um alto funcionário público ou o sócio de uma grande empresa. Em outras palavras, o pai empregaria o instrumento educacional para estabilizar sua própria posição social, por transmiti-la ao filho.

Se, em outra hipótese, Tom Smith fôsse filho de um estivador, iria para uma escola elementar que, com severidade, impor-lhe-ia o método disciplinado que éle provavelmente não tinha no lar e no ambiente em que vivia. Aprenderia um pouco de Leitura e de Escrita, porém não o hábito de nenhuma das duas, Matemática que bastasse para conferir o trôco numa loja, e uma pequena dose, rapidamente esquecida, de Conhecimentos Gerais da Geografia do mundo e da História do seu país. Em suma, ser-lhe-ia fornecido um mínimo de requisitos para permitir-lhe subsistir em um ambiente industrial. Com cerca de 13 anos de idade, deixaria a escola para dedicar-se a algum trabalho manual.

Mas, se o pai de Tom Smith fôsse proprietário de um próspero armazém, e se, além do mais, houvesse em sua família a tradição de que era bom estudar e trabalhar duro para abrir caminho na vida, provavelmente sua mãe faria com que desde muito cedo o filho aprendesse a ler e escrever. Entre as idades de 7 e 11 anos, éle teria adquirido o hábito do estudo e continuaria a instruir-se em um ginásio onde o ensino fôsse sólido, duro e tedioso. É provável que aprendesse mais do que o Tom Smith nº 1 na sua Escola Pública, o que estaria certo, pois o caminho para uma profissão seria bem mais duro para o Tom Smith nº 3. Aos 18 ou 19 anos, se trabalhasse com muito afinco e fôsse de uma inteligência consideravelmente acima da média, poderia conseguir uma bolsa para uma das duas Universidades mais antigas e, eventualmente, um emprêgo bem semelhante ao de Tom Smith nº 1. O mais provável é que, depois de passar três anos em uma escola universitária, provincial, aos 17 ou 18 anos, iria conseguir um cargo profissional de pequeno destaque ou talvez um posto clerical.

Convém notar aqui o novo elemento que entrou no quadro: o da mobilidade social. O pai de Tom Smith nº 3 era comerciante, um membro típico da classe média. O próprio Tom Smith poderia ascender à alta burguesia, e nesse caso teria usado da

educação como um meio de progredir socialmente, como um elevador na escala social.

De certo modo, isso sempre foi verdade. Um homem como o Cardeal Wolsey, cujo pai era um simples açougueiro, e tornou-se uma eminência em grande parte porque conseguiu no Magdalen College, de Oxford, a bolsa exigida para um dignitário da Igreja.

Mas a constatação generalizada de que a ascensão poderia ser facilitada pelo ensino adequado é um produto do pensamento do século passado. Trabalhadores manuais e artesãos apoiaram movimentos trabalhistas que se tornaram politicamente influentes. Inevitavelmente, êsses novos partidos provocaram a exigência de acesso a melhores cargos, que significou a necessidade de facilitar a entrada de filhos da classe trabalhadora em escolas secundárias e universidades, e, acima de tudo, a remoção de impecilhos de ordem financeira. Não houve grande resistência a essa exigência, por ter sido considerada boa e justa. Além do mais, como o ritmo de desenvolvimento industrial era rápido, havia bastante lugar na pirâmide ocupacional para pessoas competentes e instruídas. A consequência foi que na Inglaterra, como em tôda parte, bolsas e outras formas de ajuda financeira têm sido concedidas com bastante profusão a crianças de escolas elementares. Como resultado, as velhas escolas secundárias mudaram gradativamente seu caráter. Evoluíram para estabelecimentos intelectualmente seletivos.

Esta mudança, naturalmente, não se deu bruscamente. Até por volta de 1900, os filhos dos trabalhadores iam normalmente para Escolas Elementares, e começavam a trabalhar aos 13 ou 14 anos. Bem poucos tinham qualquer probabilidade de entrar para uma escola secundária - quase tôdas as escolas secundárias eram estabelecimentos privados, com anuidades muito altas para pessoas pobres, e dispunham de poucas bolsas ou lugares grátis. Mas, depois de 1902, o Governo auxiliou autoridades locais a manter escolas secundárias próprias, e nessas havia muito mais lugares para os filhos capazes de pais pobres. Assim, agora havia um duplo caminho para as Universidades e para as profissões:

- a) As crianças da classe média podiam ter melhor educação se os pais a pagassem;
- b) os filhos do trabalhador podiam ter melhor educação à custa do Estado, se fôsem realmente capazes.

Convém notar que isso implicava em uma mudança paulatina na composição social das elites. As profissões liberais e o Serviço Público não mais eram reservados à alta classe e à alta burguesia. Um número cada vez maior de jovens de origem humilde tomavam esses lugares. Isso é uma espécie de revolução social. E foi certamente um desenvolvimento extremamente acertado, um aumento em potência nacional, pois significava que estávamos dando um escoadouro à capacidade - que estávamos recrutando nossos líderes em círculos mais amplos, que estávamos mobilizando com mais plenitude e eficiência os recursos humanos de nosso país.

E assim se pode dizer que, entre 1902 e 1925, tínhamos principalmente duas espécies de escola secundária: as velhas Escolas Públicas e os novos Ginásios. Cerca de 5% das crianças iam para o primeiro tipo, de 5 a 10% para o segundo. Mas a idade de terminar a escola era 14 anos. Isso significava que mais de 85% dos nossos jovens não recebia instrução secundária e permanecia nas escolas elementares, aprendendo sobretudo a língua materna - nem sempre muito bem - noções de aritmética, um pouco de história e geografia. Evidentemente, isso era suficiente. Movimentos da classe trabalhadora - os sindicatos e o Partido Trabalhista - cresciam em potência e protestavam contra o fato de tantas crianças serem condenadas à pobreza cultural e barradas de acesso a bons cargos. Além disso, toda a sociedade inglesa estava-se tornando mais industrializada, portanto mais dependente da ciência e da tecnologia avançada, a procura de pessoas com plena educação secundária crescia dia a dia, pois somente estas pessoas eram realmente aptas a trabalhar em escritórios e a executar serviço administrativo. A sociedade moderna não pode funcionar direito sem um apoio enorme de gente com boa instrução.

Assim, o grito era "Ensino Secundário para Todos". E, lentamente, as reformas se processaram. Primeiro, por volta de 1928, decidiu-se dividir em duas partes a Escola Elementar, na idade de 11 anos: a parte infantil abrangendo crianças de 5 a 11 anos, e a parte juvenil com adolescentes de 11 a 14 anos. A intenção era aprimorar o ensino na Escola Juvenil, fornecendo-lhe professores mais capacitados e - o que era igualmente importante - melhores instalações. Sabia-se, naturalmente, que isso era apenas um primeiro passo: nessa fase, a Escola Juvenil não

era realmente uma escola secundária: a instrução que ali se dava estava longe de ser liberal. E os próprios professores não eram suficientemente educados: poucos tinham frequentado uma Universidade. A maioria estivera apenas em uma escola secundária, estudara depois durante dois anos, muitas vezes em uma Escola Normal de bem má qualidade.

De um ponto-de-vista geral, este sistema, que funcionou com modificações de 1928 a 1944, era severamente criticado por todos que tinham tendências de esquerda ou socialistas. Consideravam-no injusto, porque crianças da classe média, cujos pais podiam pagar escola secundária ou universidade, tinham uma probabilidade muito maior de se formar do que as de origem mais pobre. Insistia-se que deviam ser abolidas todas as anuidades e que a admissão à uma escola secundária devia ser só na base de mérito e capacidade. Argumentava-se que embora o dinheiro pudessem comprar lindas casas, automóveis, alimentos de luxo, não devia poder comprar melhor educação à custa de crianças mais capazes porém mais pobres. Dizia-se também que argumentos semelhantes deviam aplicar-se até às Universidades, embora essas não estivessem sob controle do Estado.

Note-se que tudo isso é um reflexo, no campo do ensino, de uma revolução social em marcha, que subentendia inter alia o decréscimo gradual das condições da classe média e o aumento gradual do padrão de bem-estar material (assim como do poder político) dos operários organizados. A estratificação de classe estava, com efeito, diminuindo. A Segunda Guerra Mundial apressou o processo de mudança social na Inglaterra, ao mesmo tempo que ajudou muito as pessoas a aceitarem o fato de uma mudança profunda. Impostos esmagadores empobreceram as classes alta e média, ao passo que a prodigiosa procura de mão-de-obra - substituindo o desemprego da década de 1930 - melhorou consideravelmente a situação financeira dos trabalhadores. O fato da igualdade foi aceito por todos. E assim, a Lei de Educação de 1944 pareceu apenas ratificar o que já havia acontecido.

A idade de terminar a escola foi, em 1947, aumentada inicialmente para 15 anos, e vai ser aumentada para 16 assim que possível. Os que saíram nessa idade para começar a trabalhar deviam frequentar Escolas de Continuação, chamadas County Colleges, até, pelo menos, 18 anos. E então, tornar-se-ia real-

mente um fato o "Ensino Secundário para Todos". As Autoridades Locais receberam, portanto, instruções para proporcionar a todas as crianças ensino secundário "adaptado à idade, capacidade e aptidão" dos jovens. Como se devia proceder - isto é, quer pela criação de várias escolas secundárias de tipos diferentes ou pela criação de uma única escola, uma école unique - seria resolvido em termos locais.

A maioria de nossas 200 e tantas Autoridades Locais (recebem do Estado, em média, uns 2/3 dos custos, completando-se o resto com impostos locais), decidiu construir sobre o velho sistema, em vez de reconstruir drasticamente. Ou seja, mantiveram seus ginásios, embora frequentemente os tenham ampliado, mas aboliram o pagamento de anuidades. Assim, a admissão seria atualmente apenas através de exame competitivo na idade de 11 anos - um exame de inglês e aritmética, um relatório dos professores das Escolas Infantis e um teste de inteligência. Os que não passavam iriam para uma Escola Secundária Moderna - o novo nome dado à antiga Escola Juvenil. Essas Escolas Modernas deviam ser consideradas, segundo se dizia, em absoluta igualdade com os Ginásios. Seriam dotadas com a mesma profusão e, se possível, com professores mais capacitados, de preferência formados em Universidades. E quando os alunos terminassem aos 15 ou 16 anos, estariam terminados seus estudos nas Escolas de Continuação. A honestidade obriga-me a acrescentar que essas Escolas ainda não foram construídas em grande número; dificuldades econômicas impediram a plena realização do plano.

Preciso citar aqui um pormenor importante. Na Inglaterra, como em qualquer outra parte, o sistema educacional tem sido afetado cada vez mais pelas exigências imperiosas de progressos tecnológicos e científicos, bem como por uma mudança na atitude geral quanto ao ensino. Estabeleceram-se novas espécies de escolas e os últimos cinquenta anos têm presenciado um rico desenvolvimento de "educação técnica". Este termo significa um tipo de ensino que visa à participação em processos produtivos e de manufatura e que, portanto, se centraliza no estudo de ciências físicas, matemática e engenharia, e em especializações necessárias para trabalhar com metais, plásticos e madeira.

Assim, em muitas partes da Inglaterra, há, no momento, três espécies de escolas secundárias financiadas pelo Governo - inteiramente à parte das antigas escolas Pública e Privada,

a saber: Secundária, Secundária Técnica e Escola Secundária Moderna.

Tudo isso representa um sistema educacional tão igualitário e popular quanto em qualquer parte do mundo. Difere do sistema americano sobretudo no fato de que visa ao diagnóstico precoce da capacidade e no esforço para alimentar e promover essa capacidade, oferecendo às crianças de talento um ensino especialmente bom e mais dispendioso.

Em parte, sem dúvida, essa diferença pode ser atribuída à nossa história, mas também em parte à nossa constatação de que não podemos dar-nos ao luxo de nossos primos americanos, graças aos seus recursos gigantescos. Temos que gastar onde há mais probabilidade de o gasto ter maior utilidade social.

Todavia, até mesmo este sistema tão igualitário deixa de satisfazer a todos. Muitos insistem para que avancemos ainda mais. Dizem que o sistema de seleção aos 11 anos oferece grande vantagem às crianças das classes médias e é injusto para com as crianças das classes trabalhadoras. Pois, nos lares das primeiras, os pais, que podem ser professores ou formados, são capazes de ajudar os filhos a prepararem-se para os exames, fazendo-os estudar com afinco, explicando-lhes dificuldades, dando-lhes livros para ler. E é verdade que a proporção de crianças da classe média em Ginásios é maior do que se poderia esperar. Assim, tem-se argumentado que, em vez de três tipos de Escolas Secundárias, devia-se estabelecer só escolas secundárias compreensivas, como as High Schools americanas, nas quais poderiam haver diferenciações, se o Diretor da escola o desejasse e se tivesse um corpo docente adequado. O Conselho do Condado de Londres encoraja essa opinião, e tem feito experiências a respeito - note-se quanta independência no quadro da política educacional tem cada uma das nossas 200 e tantas Autoridades Locais. Devo acrescentar que o Partido Trabalhista é a favor da Escola Compreensiva, ao passo que o Partido Conservador procura proteger o Ginásio seletivo.

Quanto a mim, confesso que não gosto nada do tri-partido Ginásio e divisões Técnica e Moderna - e isso tanto por motivos humanos quanto sociais. Em primeiro lugar, os pais e os professores compreendem como é importante que as crianças passem no exame na idade de 11 anos. Em consequência, as crianças inteli-

gentes sofrem uma grande pressão aos 9 e 10 anos - impelidas a estudar duro, frequentemente são tomadas de angústia e fadiga. Isso é mau. Pior ainda é a atitude dos que não conseguem ser admitidos no Ginásio - muitos se sentem rejeitados, indesejados. É desalentador para os professores nas Escolas Modernas ter que ensinar crianças que foram rejeitadas, que se sentem desajustadas, que acreditam estar estudando em escolas inferiores, com professores inferiores. E posso afirmar-lhes que, com efeito, não raro as aulas nas Escolas Modernas são de bem má qualidade: são como leite de que se tirou o creme ou a champanha que perdeu sua efervescência.

Além disso, há as injustiças conseqüentes do fato de que algumas crianças desenvolvem sua capacidade bem depois dos 18 anos - o destino vocacional de uma criança não deveria ser decidido tão cedo. E, também, devido à nossa administração parcialmente descentralizada, há grandes variações na proporção de jovens que conseguem ser admitidos nos Ginásios. Em algumas partes de Gales, chegam a ser escolhidos 80%, ao passo que em zonas de Londres não mais do que uns 5 ou 10% são seleccionados. Não resta dúvida que o destino de uma criança não deveria depender tanto de onde vivem os seus pais.

Mais importante ainda é a seguinte ponderação: imaginemos um professor ou empregado de um banco, bem instruído, porém mal pago, com três ou quatro filhos. Ele quer muito que o filho receba uma educação igual à sua - que aprenda uma língua estrangeira e um pouco de ciência. Quer que o menino permaneça na escola até os 18 anos. Nada disso é desarrazoado - e de fato os filhos desses tipos de lar têm probabilidade de se tornarem bons profissionais, mesmo que não consigam ir tão bem nos exames quanto uma criança inteligente cujo pai seja médico ou mineiro. Mas, que acontece se um menino assim não passa nos exames de admissão ao Ginásio, aos 11 anos? Teoricamente, o pai podia mandá-lo para uma Escola Pública - mas tendo de pagar as anuidades necessárias. Essas podem montar a 300 libras por ano, uma quantia que talvez represente 40 ou 50% de sua renda anual. Onde irá encontrar tanto dinheiro? Que desperdício de uma herança social e quanto desgosto evitável! Há 20 anos atrás, ele poderia ter arranjado a quantia necessária para pagar as anuidades no Ginásio do Estado - essas não ultrapassariam um mês por ano de sua renda, um sacrifício que ele poderia e estaria disposto a fazer. Mas seis meses

de renda é uma impossibilidade. É justo ou oportuno fechar-lhe a porta? Pode-se verdadeiramente chamar a isso progresso?

Não. Parece haver apenas uma solução justa, imparcial, razoável. Essa se situa a meio caminho entre os sistemas pleiteados por nossos dois Partidos políticos e ultrapassa ambos. É simplesmente isto: determinar que as Escolas compreensivas terminem aos 15 anos. E, então, selecionar para os Ginásios, Escolas Técnicas e Escolas de Continuação. Fazer com que a admissão para o Ginásio seja na base de 50% em anuidades e 50% com bôlsas e outras ajudas financeiras. Isso protegeria as louváveis tradições dos Ginásios e lhes devolveria realmente a função de preparar alunos para as Universidades. Satisfaria também as reivindicações daqueles que são pelas Escolas Compreensivas. E, finalmente, adiaria a seleção para uma idade em que esta seleção adquiere sentido e em que intenções vocacionais, que são o melhor critério possível de seleção, já se delinearão um pouco mais claramente.

### Universidades

O que fizemos agora foi passar rapidamente em revista o sistema inglês de ensino secundário, em um período de rápidas mudanças. Talvez cause surpresa minha insistência quanto a fatores sociais - à relação entre classes, à distribuição de poder, à evolução da tecnologia e quão pouco falei em fatores educacionais no seu sentido restrito. Creio que essa insistência é acertada. Pois, o problema da organização melhor do estudo secundário, em primeiro lugar, não é de forma alguma um problema educacional. Não é estreitamente relacionado ao desenvolvimento dos jovens ou às suas necessidades - estas podem ser solucionadas de muitas maneiras. Não. Em primeiro lugar, a organização do estudo secundário tem a ver com acesso a bons empregos, à seleção de cargos profissionais. As escolas secundárias são instrumentos de ação social, parte de um mecanismo pelo qual recrutamos, selecionamos e educamos nossos chefes e nossas elites. A não ser que este ponto fique nitidamente estabelecido, é impossível compreender por que motivo a questão toda é tão importante nas sociedades modernas ou por que desperta tanta celeuma. Vimos como o desejo de ascensão social se traduz em uma procura de acesso mais fácil às escolas secundárias e universidades. O número de candidatos a bons cargos será sempre maior do que as vagas. Por isso permanece a necessidade de seleção. Historicamente, são três os motivos

pelos quais as pessoas têm sido escolhidas para êsses cargos. O primeiro é a posição social dos pais. Por muito tempo, essa era a única pergunta que se fazia para a seleção de oficiais do Exército, juizes e membros da Legislatura. A segunda prova de elegibilidade é a situação financeira do candidato. Por exemplo, até depois da Guerra da Criméia, os cavalheiros se tornavam oficiais do Exército Britânico por meio da compra de uma comissão. De uma forma modificada, o sistema de comprar cargos sobrevive ainda hoje. Por exemplo, o custo de um curso completo de sete anos de medicina, nos Estados Unidos, é no mínimo de 10.000 dólares, e possivelmente o dôbro.

O terceiro tipo de prova é a capacidade do candidato de passar em um exame. Todavia, não é em absoluto garantido que os de maior sucesso nos exames sejam também os mais adequados para os cargos que lhes são destinados ou, inversamente, que o fracasso nos exames seja sempre correlativo ao fracasso na situação da vida real. Na melhor das hipóteses, exames podem medir uma fração das qualidades e capacidades que determinam êxito ou fracasso: pois qualquer realização depende do funcionamento da personalidade total, cuja configuração não pode ser bitolada por um instrumento tão mecânico e rudimentar como um exame formal.

Laços de família ou fortuna ou capacidade de passar em exames são o único critério. E se diz que a democracia ganharia bastante com a redução da influência dos dois primeiros fatores. Em outras palavras, a restrição da importância do dinheiro e do sangue torna possível uma sociedade que concretize mais plenamente a justiça, garantindo igualdade para todos. Significa isso que o "avanço triunfante da democracia" é sinônimo da "imposição triunfante de exames"? Talvez não seja bem assim - mas significa seguramente que, em qualquer democracia moderna, a escola deve ocupar um lugar de importância central. Pois um Governo popular não pode sobreviver sem ensino popular, nem pode progredir, a não ser que líderes e elites do calibre e do tipo certos sejam selecionados e generosamente educados, para que possam aprender sua tarefa e seu dever de compreender e servir.